



VII Encontro de Iniciação Científica e
Tecnológica
VII ENICT
ISSN: 2526-6772
IFSP – Câmpus Araraquara
20 e 21 de outubro de 2022



Vidas secas em quadrinhos: um estudo da repetição e da diferença

RAYSSA MANUELA CARVALHO E SILVA e VANESSA CHICONELI LIPORACI DE CASTRO

Estudante do Ensino Médio, Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia de São Paulo – Câmpus Piracicaba,
rayssa.carvalho@aluno.ifsp.edu.br

Doutora em Estudos Literários, Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia de São Paulo – Câmpus Piracicaba,
vanessaliporaci@gmail.com

Área de conhecimento (Tabela CNPq): Literatura Brasileira - 8.02.06.00-0

RESUMO: O presente artigo é recorte de resultados advindos de um projeto de pesquisa maior que tem por objetivo analisar adaptações de obras canônicas da literatura brasileira para quadrinhos, no intuito de verificar até que ponto elas podem vir a contribuir para o processo de letramento literário de alunos do Ensino Médio. Nesta análise, em específico, foi estudado o romance "Vidas secas" de Graciliano Ramos em seu texto original e a sua adaptação para HQ, com roteiro de Arnaldo Branco e ilustrações de Eloar Guazzelli. A primeira parte do trabalho teve como propósito a leitura aprofundada da obra original dando destaque à fortuna crítica da obra e às especificidades da escrita de Graciliano Ramos; em um segundo momento foram feitas a leitura e a análise aprofundada da história em quadrinhos, seguidas do levantamento dos elementos utilizados pelo quadrinista no processo de interpretação do clássico. Para concluir o estudo, uma atividade prática foi preparada e aplicada aos alunos do Ensino Médio, o que propiciou uma discussão sobre as interpretações geradas pela leitura de cada um dos textos.

PALAVRAS-CHAVE: adaptação; clássicos brasileiros; ensino médio; histórias em quadrinhos; literatura.

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos passaram a fazer parte dos livros adquiridos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) a partir do edital de 2006. Segundo o site do Ministério da Educação, “A leitura de obras em quadrinhos demanda um processo bastante complexo por parte do leitor: texto, imagens, balões, ordem das tiras, onomatopeias, que contribuem significativamente para a independência do leitor na interpretação dos textos lidos. Além disso, o universo dos quadrinhos faz parte das experiências cotidianas dos alunos. É uma linguagem reconhecida bem antes de a criança passar pelo processo de alfabetização.”¹. Tendo por base essa mesma percepção, acerca das possibilidades interpretativas proporcionadas pelas HQs, este projeto intenciona investigar até que ponto a inserção de tais leituras – paralelamente aos textos originais – em

¹ Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/pnlem/136-perguntas-frequentes-911936531/quadrinhos-do-pnbe-1574596564/281-desde-quando-ha-livros-em-quadrinhos-no-programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 14 de abril de 2019.

aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio pode contribuir para a formação de leitores interessados e autônomos.

É de amplo conhecimento o fato de que muitos alunos – principalmente aqueles advindos de escolas públicas – chegam ao Ensino Médio com dificuldades muito grandes no que concerne os processos de leitura, interpretação e produção textual. Tais dificuldades certamente resultam de um conjunto de fatores e não somente do que lhes foi ou não proposto nas aulas de Língua Portuguesa que tiveram até então. Todavia, é preciso que o docente dessa disciplina tenha sempre em mente o fato de que a grande maioria de seus alunos ainda não tem familiaridade nenhuma com textos literários e que, por isso, ainda não é capaz de estabelecer uma relação de intimidade e autonomia em relação a eles. Pelo contrário, a grande maioria chega ao final do ensino fundamental sem nunca ter lido integralmente uma obra sequer.

Nesse contexto, preocupar-se somente em conceituar a literatura e em descrever escolas literárias e biografias de autores, não contribuirá para que o aluno vivencie as especificidades do texto literário e tenha, portanto, a chance de se acostumar com elas. Por isso, torna-se fundamental que os professores de Português/Literatura do Ensino Médio pensem suas aulas como oportunidades de promover encontros entre alunos e textos, uma vez que é só por meio do contato direto e guiado com o texto literário, que o aluno se sentirá amparado ao se deparar com os estranhamentos que esse tipo de texto provoca. A partir dessa convivência, pode ser que os desafios encontrados no processo de leitura e interpretação deixem de ser sentidos como frustrações e passem a ser usufruídos enquanto elementos motivadores.

Dentro desse cenário, é preciso que o estatuto do cânone seja visto de modo mais flexível – o que não significa, de forma alguma, que ele seja visto como secundário – mas, sim, que as abordagens do texto literário sejam, de certo modo, repensadas, para melhor se adequarem à realidade dos alunos. O que não pode acontecer é o professor se preocupar demasiadamente em cumprir com os conteúdos programáticos previstos e não se ater à necessidade de selecionar materiais e elaborar práticas que favoreçam o estabelecimento de uma **conexão** entre o aluno e o texto. Ressaltamos que não se trata, evidentemente, de excluir o cânone das ementas dos cursos, mas de rever o modo como ele vem sendo trabalhado em sala de aula. Para tanto, alguns caminhos possíveis seriam: iniciar por textos cujos universos literários estejam mais próximos do repertório dos alunos, promover rodas de leitura e discussão dos textos, organizar saraus, propor trabalhos em grupo, trazer leitores para falarem com os alunos, entre outros.

Diversas pesquisas na área de educação – mais especificamente na área de ensino de Literatura – comprovam que, infelizmente, o que acontece na grande maioria das salas de aula costuma ser bastante diferente das alternativas supracitadas, uma vez que muitos professores ainda tendem a inferir que a dificuldade de compreensão dos alunos resulta do desinteresse e da falta de empenho no processo de leitura, e desconsideram o fato de que o cânone, muitas vezes, não comunica absolutamente nada para eles. Portanto, antes de apresentar essas obras, é preciso que o docente reconheça que leitores só se envolvem com aquilo que, de alguma forma, dialoga com eles e que, no contexto escolar, cabe a ele, professor, promover um meio possível para que esse diálogo se estabeleça. Todorov (2009, p. 93), em obra intitulada “A literatura em perigo”, expõe, muito claramente, a que se presta a verdadeira educação literária:

O voo que a educação literária deve proporcionar aos leitores depende da literatura poder desempenhar plenamente sua vocação humanizadora, ao possibilitar ao público a experiência de se tornar um permanente “conhecedor do ser humano”. Caso contrário, a literatura estará ao lado de outras mercadorias inúteis, que se impõe no espaço-tempo como mais um entre os muitos obstáculos a serem administrados e os leitores permanecerão às margens da obra e da necessidade de compreendê-la como objeto de fruição vivo, dinâmico e contextualizado, que gera contradições e estabelece a crise. Essa é, ao fim, a concepção de literatura que pode tirar a literatura do limbo e livrá-la do perigo de perder todo o seu potencial revolucionário.

Dentro dessa literatura que se propõe a transformar os seus leitores em melhores conhecedores dos seres humanos, merece destaque a obra de Graciliano Ramos, autor que, como afirma Antonio Candido (2006, p. 146) deu voz aos que não sabem analisar os próprios sentimentos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Lauro Amorim, em *Tradução e adaptação - Encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, e Kim, de Richard Kipling* (2005), é comumente atribuído às adaptações um caráter pejorativo, seja por elas não se aproximarem suficientemente dos textos-fonte ou por não consistirem exatamente em procedimentos de tradução, uma vez que possibilitam a utilização de recursos considerados não-tradutórios. Diante desse empasse, Amorim propõe que olhemos de modo mais fluido para as fronteiras que existem entre os processos de tradução e de adaptação, para que possamos perceber que, enquanto movimentos de reescrita que são, ambos mobilizam tanto uma força que tende a conservar um determinado estado de coisas, como também um impulso em direção a mudanças. Sendo assim, é muito pouco profícuo desenvolver trabalhos sobre traduções e adaptações que tenham como preocupação principal discutir o grau de fidelidade que o texto adaptado apresenta em relação ao texto de partida. Amorim nos lembra, portanto, que quando se situa uma obra como adaptação, as transgressões são declaradas abertamente, por ser ela uma leitura destinada a outro fim e, muitas vezes, a outro público, o que permite sempre a sua legitimação.

Linda Hutcheon em *Uma teoria da adaptação* (2011), destaca, assim como Amorim (2005), que a relação declarada da adaptação com outra obra faz com que, quando se conhece o original, sua presença seja sentida no contato com o novo texto. Por isso, a autora aponta que, embora a adaptação possa ser analisada como trabalho autônomo, é seu traço duplo que permite sua teorização como adaptação e que, para o adaptador, esse ato abarca tanto a interpretação, quanto a criação de algo novo. Para proceder à investigação de tais adaptações, a escritora sugere a adoção de três perspectivas: a primeira seria a da adaptação enquanto entidade ou produto formal, cuja transcodificação de uma ou mais obras contempla uma mudança de foco, de gênero ou de mídia; a segunda, como processo que abarca a (re)interpretação e a (re)criação; e a última, que corresponde ao processo de recepção, em que a adaptação estabelece um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada, por meio da repetição com variação. Nesse caso, tem-se um processo dialógico contínuo, no qual se compara a obra conhecida àquela com que se estabelece um novo contato.

O olhar para a adaptação não apenas como produto, mas também como processo, permite a abordagem de várias de suas dimensões, uma vez que é no estudo do processo que se torna possível a compreensão dos modos de engajamento de leitura propostos por Hutcheon (2011). Segundo a autora, os engajamentos possíveis são: o contar, que nos insere no mundo ficcional por meio da imaginação; o mostrar, que envolve a percepção auditiva e visual; e o interagir, que exige uma participação mais ativa do público. No recorte aqui proposto, interessam-nos, particularmente, o estudo do contar e do mostrar da HQ e, dentro deles, a análise do modo como o narrador – peça chave da obra em questão – estabelece contato direto com o interlocutor e analisa psicologicamente as personagens que apresenta.

Por fim, o capítulo "Literatura em quadrinhos" do livro "Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática" de Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos trouxe como devemos avaliar uma adaptação e os diferentes métodos que podem ser usados em sala de aula para introduzir os quadrinhos nas atividades de práticas de leitura, sempre ressaltando o auxílio que se faz necessário não só ao aluno - que está entrando em contato com essa nova linguagem -, mas também ao professor que precisa ser orientado e apresentado às diferentes estratégias para melhor direcionar os discentes.

METODOLOGIA

Tendo, portanto, em mente, a intenção de promover um estudo que favoreça esse diálogo entre textos de partida e de chegada, o trabalho foi organizado em quatro etapas.

A primeira, consistiu no processo de leitura e análise minuciosas do romance, com a intenção de compreender como se dá a dinâmica narrativa do texto fonte. Para tanto, foi feita a leitura de textos críticos produzidos por grandes estudiosos da obra de Graciliano Ramos, como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Ivan Marques e Roberto Schwarz. Ainda dentro dessa primeira etapa, analisamos como encontram-se articulados, dentro da narrativa, um aspecto muito caro à poética de Graciliano: o modo como o narrador trabalha a linguagem de modo a fazê-la extremamente poética e, por isso, reveladora de questionamentos profundos acerca das relações humanas.

Na segunda etapa foi realizada a leitura da HQ, paralelamente ao estudo de textos relacionados à análise de quadrinhos, para que fosse possível verificar como a dinâmica da narrativa fonte foi repensada a partir das possibilidades textuais e imagéticas oferecidas por esse outro suporte. Buscamos, com isso,

evidenciar o quão únicos são os engendramentos de cada texto e, ao mesmo tempo, o quanto eles se comunicam. Para tanto, tivemos como base teórica os estudos realizados por Paulo Ramos (2014) e Antonio Luiz Cagnin (2014) no que concerne a análise do emprego de elementos característicos que permitem ao leitor criar os nexos entre imagens e textos.

A terceira etapa consistiu na leitura de textos sobre o uso de quadrinhos em sala de aula, para que pudéssemos decidir qual era a melhor maneira de promover, entre alunos do Ensino Médio, reflexões que se aproximassem daquelas que o orientador e o bolsista fizeram até então. Essas leituras também nortearam o processo de elaboração da atividade aplicada para os alunos.

A quarta e última etapa do trabalho compreendeu a aplicação da atividade e a análise dos resultados nela obtidos. Assim as aulas foram planejadas em quatro tópicos, o primeiro foi uma pergunta que está presente no imaginário do Ensino Médio de modo geral que é “Por que ler clássicos?”.

A partir desse questionamento procurou-se desmistificar o grande estigma por trás das obras canônicas, explicando a importância delas e porque são consagradas. Aqui foi necessária uma interação com os alunos no intuito de compreender qual a concepção de clássico para eles e, a partir dela, moldar a aula. Na sequência, foi feita a primeira atividade prática com os estudantes que foi uma leitura coletiva, realizada oralmente em sala de aula do primeiro capítulo de Vidas Secas “Mudança” seguida da discussão sobre os sentimentos deles com relação à escrita do autor e ao capítulo lido.

O segundo tópico que leva como título “Vidas secas e a sua importância” teve o propósito de expor um pouco mais sobre a obra de Graciliano e as críticas que ele faz em “Vidas secas”. Depois de levantadas todas as características observadas pelos estudantes foi feita então a leitura primeiro capítulo do quadrinho oralmente em sala de aula e mais tarde a discussão dos elementos que foram pontuados na leitura do texto de partida. Em seguida, foi perguntado aos alunos como esses elementos foram transpassados para a adaptação.

O terceiro tópico teve como intenção questionar os discentes sobre “O que é uma adaptação?”, com o objetivo de compreender qual o pensamento dos estudantes em relação ao tema e a partir disso abranger e/ou melhorar seus pontos de vista quanto aos vários estereótipos herdados pela concepção corrente de olhar a adaptação de maneira inferior, o que faz com que não entendamos seu papel na língua portuguesa e nas artes. Além disso, aqui também tivemos como objetivo explicar como se avalia uma adaptação de forma respeitosa e produtiva para os nossos estudos comparativos entre duas linguagens, neste caso o quadrinho e o livro tradicional.

Por fim, o quarto tópico teve o propósito de estudar a trajetória das histórias em quadrinhos na educação brasileira. Assim o primeiro questionamento que foi feito aos alunos foi sobre os quadrinhos serem ou não literatura pois, a partir disso, é possível abrir espaço para a compreensão de uma nova linguagem e permitir que eles a entendam como autônoma e independente, distanciada da concepção de submissão que tanto a adaptação quanto os quadrinhos ganharam ao longo do tempo. Aqui também foi mostrada a sua importância e quais elementos devemos avaliar nas HQs quando estivermos lendo.

Diante desse estudo, é importante ressaltar o quão perceptível é o fato de que a crítica literária de modo geral acaba se debruçando sobremaneira nos resultados das adaptações – em busca, por exemplo, do que foi ou não foi de fato “alcançado” pelo novo texto – e acaba deixando de lado as oportunidades que cada adaptação publicada oferece a todos nós, leitores, de fazermos análises mais profundas – e, por isso, reveladoras – do caminho percorrido pelo adaptador antes de chegar ao texto final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fundamentando-se nas leituras do texto de partida, da história em quadrinhos e do livro introdutório sobre os quadrinhos na educação, foi possível compreender e conhecer a experiência que poderá ser obtida pelo aluno através da leitura em conjunto destas duas linguagens propostas, o que colabora para quais serão as melhores estratégias para se abordar os quadrinhos no Ensino Médio e quais serão as percepções dos estudantes sobre o método aplicado, visando motivá-los a ler as obras clássicas.

Em paralelo, a partir da leitura dos livros críticos da obra original de Graciliano Ramos foi possível aprofundar as interpretações adquiridas por mim anteriormente com o fichamento do livro e com isso se procurou refletir sobre formas melhores de direcionar a discussão dos alunos referente as análises sociológicas abordadas pelo autor.

Todavia, se faz importante trazer a compreensão e interação dos alunos nessas discussões como aspecto central, fazendo com que as críticas propostas nestes livros acrescentem mais as suas opiniões e não se tornem a única forma de ver e pensar a obra, pois baseado nisso se consegue dar autonomia para o aluno em sua interpretação e tornar a leitura menos cansativa e mais proveitosa em vários sentidos.

Como Ítalo Calvino bem diria em seu livro “Por que ler clássicos?”: “nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão”, ou seja, acima de tudo é importante que se motive os estudantes a ler os clássicos também pelo simples prazer e curiosidade de lê-los, respeitando as compreensões dos discentes e os direcionando em sua construção crítica acerca destes livros.

Desta forma é possível dizer que ao aplicar de maneira prática a atividade, que promove desenvolver a leitura do cânone “Vidas secas” em sala de aula, juntamente com a sua adaptação em quadrinhos e as interações que objetivam entender o pensamento comum dos alunos sobre clássicos e adaptações espera-se como resultado o desenvolvimento do olhar analítico dos discentes sobre esses temas, para que assim se torne plausível melhorar cada vez mais a relação deles com os clássicos literários.

Uma das maneiras possíveis de chamar a atenção dos alunos para uma interação entre a obra e eles, foi adicionar perguntas antes e depois da leitura, tanto da história em quadrinhos quanto do texto de partida. Estas perguntas são por exemplo, “Vocês (alunos) já leram algum clássico?”, “Se vocês pudessem fazer uma HQ sobre esse capítulo lido, como vocês fariam?”, “quais cores vocês acham que poderiam representar essa narrativa?”, “como vocês caracterizariam as personagens?”, “vocês colocariam as falas ou narrações das personagens?”, “o que mais chama a atenção de vocês na narrativa?”, dentre outras questões que também podem ser pontuadas nesse processo de interação e interpretação.

Isso auxiliou de forma assertiva no direcionamento das discussões apresentadas por Graciliano Ramos em “Vidas secas”. Quando, por exemplo, lemos em sala de aula oralmente com os alunos o primeiro capítulo da obra em seu texto base, um estudante alegou a quantidade de pontos finais dentro de um mesmo parágrafo indicando que isso dificultava uma leitura fluida do livro, a falta de diálogos (ponto percebido por muitos dos estudantes), além disso o estranhamento comum de novas palavras, mas ainda assim a percepção de que elas representavam algo “seco”.

Após isso, quando direcionamos os discentes a leitura da história em quadrinhos o primeiro questionamento feito antes dessa demonstração visual da obra, foi como eles (estudantes) fariam sua própria HQ daquele capítulo. Alguns alegaram que fariam o quadrinho em preto e branco por representar a vida sofrida dos retirantes, outros disseram que usariam cores escuras para dar essa profundidade de sentimentos das personagens, uns pontuaram que as personagens não teriam feições e que talvez o quadrinho não tivesse nenhuma narração ou diálogo.

Depois da leitura em sala de aula da HQ utilizada para a pesquisa, foi perguntado quais características eles notaram que foi transmitida do texto de partida para o quadrinho, de acordo com as interpretações feitas anteriormente. Alguns comentários dos discentes apontaram que a forma com que a quadrinista representou a seca através da escolha das cores e da perspectiva ao apresentar as personagens como ondas de calor na introdução ao primeiro capítulo, foi muito bem pensada. Além disso, a falta de expressões em grande parte das páginas e os traços “brutos” foi um ponto que chamou a atenção deles, já que essas particularidades analisadas também foram vistas no texto de partida lido antes.

CONCLUSÃO

Em síntese, quando a pesquisa foi aplicada para o terceiro ano do ensino médio as discussões surgidas em torno dos clássicos e das adaptações foram muito produtivas, houve uma grande participação dos estudantes quando eles eram questionados e convidados a expor o que pensavam. Com relação a estigma carregada pelos clássicos, foi percebida uma reação contrária a esperada pois se teve uma maior receptividade destas obras pelos discentes, até mesmo os que não se consideravam leitores ávidos.

Entretanto quando se trouxe a pauta da adaptação, em especial, a cinematográfica foi possível observar uma importante necessidade de se trabalhar com a ideia da autonomia que uma adaptação pode ter referente ao texto de partida, pois ainda se desconhece muito sobre a liberdade artística dela e a maneira com que devemos avaliá-la. Além disso, outra discussão dentro deste tópico feita pelos estudantes que foi muito

interessante foi a questão do mercado e do sistema capitalista no cinema e o quanto ele é capaz de mudar determinadas obras em prol do lucro e de uma cultura hegemônica.

Por fim, quando debatido sobre a importância das HQs e o quanto da leitura em quadrinhos trouxe para eles em paralelo com o livro tradicional, se conclui que o quadrinho ajudou no processo de entendimento do texto de partida e deixou mais clara as interpretações dos discentes, que já eram bem visíveis somente com a primeira leitura do texto de partida, mas que se tornaram mais abrangentes e instigadoras quando perguntado a eles os mesmos elementos dentro de uma linguagem diferente da escrita.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. **Céu, inferno**. São Paulo: Editora 34, 2010, p.19-50.

BRANCO, A. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2019.

CALVINO, I. **Por que ler clássicos?**. São Paulo: Companhia das letras, 1993, p.9-16.

MARQUES, I. **Para amar Graciliano**. São Paulo: Faro Editorial, 2017, p.59-68.

RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RAMOS, P. e VERGUEIRO, W. **Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE**. In: *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. Paulo Ramos e Waldomiro Vergueiro (Orgs.). São Paulo: Editora Contexto, 2009, p.9- 42.